

UMA ANÁLISE DE PROCEDIMENTOS DE LEITURA BASEADA NO PARADIGMA INDICIÁRIO¹

Cristiane DUARTE

RESUMO *Considerando as condições de produção inerentes à realização da prova de redação do Vestibular Unicamp, em que a leitura de uma coletânea de textos faz parte da proposta de produção das redações e a partir dos pressupostos teórico-metodológicos referentes ao Paradigma Indiciário, foram efetuadas hipóteses sobre os procedimentos de leitura dos candidatos. Os resultados da análise revelam quatro tipos de procedimentos: há candidatos que se prendem demasiadamente aos textos da coletânea; há outros que, a partir da leitura, articulam criativamente as informações lidas; há aqueles que acabam por se desviar do tema, em função de uma preocupação em escrever sobre os fatos da realidade política da época; por último, há candidatos que realizam uma leitura orientada ideologicamente, o que acaba produzindo efeitos de sentido aparentemente “estranhos”. Tendo em vista os resultados das análises, pôde-se concluir que os diferentes tipos de procedimentos de leitura são consequência da própria história de constituição desses candidatos como sujeitos de linguagem e de seus projetos de dizer. A utilização da Paradigma Indiciário, nesse sentido, foi extremamente pertinente pelo fato de permitir a formulação de hipóteses explicativas mais amplas que também parecem estar relacionadas às questões de linguagem.*

ABSTRACT *Considering the conditions of production inherent to the Unicamp Entrance Exam, in which the reading of a set of texts is part of the proposal for the production of texts, and by starting with the theoretical and methodological assumptions of Clue Paradigm, hypotheses had been made on the reading procedures of the students. The results of the analysis reveal four types of reading procedures: there are students who stick too much to the collection of texts; others, from their reading of the collection of texts, creatively articulate the information read; there are others still who, concerned with writing about current political issues get too far away from the topic proposed; finally, there are students who perform an ideologically oriented reading, producing meaning effects which are apparently strange. From the results of analyses, it was possible to conclude that these different types of reading procedures are a consequence of the history of each writer's constitution as a subject of*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 3 de julho de 1998, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Bernadete Marques Abaurre.

language and of their speech projects. The use of Clue Paradigm, in this sense, was extremely pertinent inasmuch as it allowed the formulation of more comprehensive explanatory hypotheses which also seem to be related to the linguistic issues.

INTRODUÇÃO

Realizar análises qualitativas, segundo o *Paradigma Indiciário* (Ginzburg, 1989), é muito mais do que realizar análises descritivas, dado que uma característica fundamental desse paradigma é a de buscar, ainda que no nível de formulação de hipóteses, uma explicação para determinados fenômenos “surpreendentes” encontrados nos textos. O caminho de análise que é percorrido, quando o analista encontra um dado surpreendente, isto é, um dado que por alguma razão — a depender do que se esteja investigando — seja diferenciado dos demais (a esse dado se denomina *dado singular* (Abaurre, 1997)), é fundamentado na *abdução peirceana*, raciocínio construído a partir da formulação e checagem de hipóteses explicativas que perfaz os seguintes passos:

- “1. Some surprising phenomenon P is observed.
2. P would be explicable as a matter of course if H is true.
3. Hence there is reason to think that H is true.” (Hanson, 1958, p. 86)²

Trata-se, portanto, de um trabalho investigativo, cujo desenvolvimento depende da presença de “pistas” ou “indícios” que permitam e/ou confirmem a formulação de determinadas hipóteses. Nesse sentido, não são quaisquer dados que se constituem como singulares, mas somente aqueles que revelem indícios de determinados fenômenos da linguagem investigados pelo analista.

O presente trabalho analisa redações escritas durante o Vestibular Unicamp 94, realizado em 28/11/93. O fenômeno que se busca compreender diz respeito aos procedimentos de leitura adotados pelos candidatos ao escreverem seus textos, visto que tal vestibular caracteriza uma situação bem marcada de avaliação da capacidade de leitura. Aos candidatos, é apresentada uma coletânea de fragmentos de textos que devem ser lidos e utilizados na construção da redação. O que procuramos explicar é a maneira como os candidatos leram a proposta desse vestibular. A partir das “pistas” que eles mesmos deixaram em suas redações, construímos hipóteses que foram sendo confirmadas por vários fatores, inclusive, políticos e sociais e que, por esse motivo, tais hipóteses podem constituir uma boa razão para acreditarmos na probabilidade de sua ocorrência. Foi possível conjecturar ainda sobre o provável tipo de formação escolar desses candidatos.

Desta forma, a análise não se restringiu à descrição das redações, em termos textuais, mas buscou explicações que se construíram além do nível textual, considerando, por exemplo, o contexto sócio-político do ano em que essas redações

² (1) Algum fenômeno P surpreendente é observado. (2) P pode ser explicado naturalmente se H for verdadeiro. (3) Portanto há razão para pensar que H seja verdadeiro.

foram escritas. A seguir, há um exemplo de uma das análises. A reprodução da redação é fiel à escrita do candidato, isto é, sem que fossem feitas correções ortográficas ou de pontuação, acentuação etc.

Poluição Plenária

Sabe-se, que hoje em dia, peixe grande e que se tem privilégio. Pois quando jogamos petisco ao rio, naturalmente, ele sempre será o primeiro à pegar; ou seja, peixe pequeno e endefeso e que já são fígado.

Enquanto isso peixe grande tenta acabar com a corrupção.

Peixe pequeno, não tendo força suficiente para encarar o mais velho, acabam morrendo dê...?

Peixe pequeno vão para a jaula, enquanto o grande vai para o plenário, onde, eles ordenam, faz, desfaz e enriquecem

Peixinho não pode pegar petisco do rio, só pode pagar taxa impostoral. No rio milhares de peixe pequeno estão morrendo dê...? Sua família já não pocría mais, pois não tem o que se dá para os filhos. Muitas vezes os peixe pequeno, espera a beira do rio, que alguém se compadeça dele, ou muitos se suicidam, se jogando do rio Brasíalial.

Enquanto isso peixe grande tenta acabar com a corrupção.

Se os peixe grande tivessem um pouco se quer de dignidade, muitas peixinhas não morreriam de....? Apesar de muitas vezes não morrerem dê....? Acabam morrendo de estress, pois tem que se limpar lama e mais lama, praticamente o dia todo, tem que se pegar espaçonave, para ir ao fundo do lago, e muitas vezes tem que se nada muito, para a volta; e ainda por cima ganhando uma miséria. Quando chega no fim do mês, o dinheiro não dá nem para o começo, só de imposto já se vai todo o ordenado.

Enquanto isso peixe grande tenta acabar com a corrupção.

Enquanto o peixe grande, não ensinar o peixe pequeno a nadar, ou seja, ensinar a ter uma vida digna com rio bem limpo e cheiroso ao seu redor; não adiantará acabar com a poluição; enquanto não acabar com os causadores.

Enquanto isso peixe grande tenta acabar com a corrupção.

1. O FATO SURPREENDENTE: A LEITURA NONSENSE OU A ANALOGIA NÃO AUTORIZADA

Uma primeira análise dessa redação poderia considerá-la como um exemplo de leitura *nonsense* (cf. Bastos, 1996). Há motivos muito fortes para dizermos que se trata de uma leitura *nonsense*. O candidato construiu uma analogia utilizando figuras como “peixe grande” e “peixe pequeno” para caracterizar a situação de desigualdade entre as classes sociais no Brasil, em que alguns têm muitos privilégios e oportunidades e outros sofrem com a miséria. Apesar de haver alguns momentos de confusão na descrição do que o “peixe grande” e o “peixe pequeno” fazem, é possível compreender a relação metafórica construída pelo candidato, mesmo porque se trata de uma noção amplamente difundida no senso comum. O que nos incomoda (ou o que parece ser *surpreendente*),

no entanto, nessa redação, é o fato de que tal construção parece não estar autorizada pelos limites estabelecidos pela proposta temática e pelos textos da coletânea (vide reprodução da prova a seguir). Por isso, tal leitura poderia ser classificada como *nonsense*, ou seja, na medida em que fazemos uma comparação entre o que está dito na redação e o que se encontra na coletânea, podemos considerá-la *nonsense*.

É claro que, se apenas levarmos em consideração o texto do candidato, não teremos um texto sem sentido (*nonsense*). No entanto, se procurarmos reconstruir o caminho percorrido por ele, ao produzir esse texto dentro das condições de produção inerentes à situação do exame Vestibular Unicamp, necessariamente teremos que partir dos textos que estavam à sua disposição na coletânea, justamente porque sabemos que tal proposta de redação pede aos candidatos que levem em consideração as informações lidas na coletânea. A “origem” de suas reflexões deveria, portanto, ser os textos da coletânea.

Muito provavelmente a idéia de trabalhar analogicamente com “peixe” tenha surgido do fato de a formulação do tema conter o provérbio “*Dar o peixe ou ensinar a pescar?*” (grifo meu), especialmente porque tal consigna vem graficamente destacada, em negrito, na proposta do tema. Vide reprodução da proposta a seguir:



UNICAMP

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES

REDAÇÃO

ORIENTAÇÃO GERAL

Há três temas sugeridos para redação. Você deve escolher um deles e desenvolvê-lo no tipo de texto indicado, segundo as instruções que se encontram na orientação dada para cada tema. Assinale no alto da página de resposta o tema escolhido.

Coletânea de textos:

- Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, opiniões e argumentos relacionados com o tema. Eles não representam a opinião da banca examinadora: são textos como aqueles a que você está exposto na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize-a segundo as instruções específicas dadas para o tema. Não a copie.
- Ao elaborar sua redação, você poderá utilizar-se também de outras informações que julgar relevantes para o desenvolvimento do tema.

ATENÇÃO: se você não seguir as instruções relativas ao tema que escolheu, sua redação será **ANULADA**.

TEMA A

A Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, conhecida também como campanha contra a fome, tem provocado numerosas manifestações contraditórias, reavivando uma discussão antiga sobre a validade da ajuda aos desfavorecidos.

Levando em conta a coletânea abaixo, que contém fatos e opiniões diversas sobre aquela campanha, redija uma dissertação sobre o tema: **dar o peixe ou ensinar a pescar?**

1. *Já são quase 32 milhões de brasileiros famintos, num país que desperdiça somente em alimentos o equivalente a US\$ 4 bilhões. Apenas 20% desse desperdício saciariam a fome de todos esses brasileiros miseráveis.*

(“O avesso da fome”, *Jornal do Brasil*, 12/09/93)

2. *A cada ano que passa, mil crianças morrem por dia debaixo do céu brasileiro. Morrem de doenças para as quais a medicina criou uma infinidade de nomes, todos sinônimos de um só mal: fome, subnutrição.*

(**Eric Nepomuceno**, Caderno FOME, *Jornal do Brasil*, 12/09/93)

3. *Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na Terra de Canaã.*

(**José Américo de Almeida**, *A bagaceira*)

4. *Querido Cony, (...) venho te dar os parabéns pela crônica “Não é por aí”. Também eu não quero bagunçar a campanha contra a fome (...), mas já era tempo de alguém dizer que para acabar com a fome precisa-se de reforma agrária, justiça social, melhor distribuição de renda. A caridade é uma das virtudes teológicas, mas para acabar com a fome no Brasil não basta...*

(**Jorge Amado**, Painel do Leitor, *Folha de S. Paulo*, 24/06/93).

5. **Betinho** - ... há uma relação estreita entre conjuntura e estrutura. Se eu não sou capaz de mudar alguma coisa aqui e agora, seguramente não serei capaz de mudar no futuro. Toda vitória que eu consiga hoje, por menor que seja, está criando condições para a reforma estrutural.

Folha - *O movimento tem um caráter filantrópico, assistencialista. A filantropia sempre foi considerada inócua e muitas vezes associada à picaretagem.*

Betinho - *Pilantropia (ri). Esse movimento está nos obrigando a diferenciar solidariedade de assistencialismo e filantropia de pilantropia. Para mim,*

solidariedade é um gesto ético, de alguém que quer acabar com uma situação, e não perpetuá-la. Já o assistencialismo é exatamente o contrário.

(de uma entrevista de **Betinho** ao jornal *Folha de S. Paulo*, 05/09/93)

6. *Mas eis que Chico Buarque, justificando sua participação no show do Memorial, veio com um argumento curioso. Você pode dizer que distribuir alimentos não resolve nada, lembrava ele, “mas não distribuir resolve alguma coisa?” Já que nada vale nada, um pouco de caridade é melhor do que nenhuma.*

(**Marcelo Coelho**, *Folha de S. Paulo*, 08/09/93)

7. *Na piscina do Clube Harmonia ouvi uma senhora gordinha dizendo que a campanha contra a fome era comandada pelo PT e que tinha por objetivo arrasar com o nosso país. Outras senhoras gordinhas concordaram, repetindo a velha história de que era melhor ensinar a pescar do que dar o peixe...*

(**Geraldo Anhaia Mello**, Painel do Leitor, *Folha de S. Paulo*, 09/09/93)

8. *Pessoas que moram nas ruas de São Paulo não têm uma idéia exata do que seja a campanha da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Elas se dizem cansadas de movimentos que distribuem alimentos, mas não conseguem resolver o problema da miséria. Essas pessoas - que seriam as principais beneficiadas pela campanha - pedem a criação de mais empregos, pois querem conseguir uma moradia e poder escolher a comida.*

(*Folha de S. Paulo*, 21/09/93)

9. *Na esperança da revolução redentora, a palavra de ordem era ensinar a pescar. Dar o peixe era o pecado assistencialista, que retardava o processo revolucionário. (...) Hoje sabe-se: o capitalismo não acaba com a miséria. O socialismo também não. Não há mais sonho nem utopia. Resta apenas a concretude tenebrosa da miséria. (...) não se está sugerindo que a sociedade assuma o papel do Estado. Mas é importante compreender: é a sociedade que muda o Estado, não o contrário. (...) (o cidadão) morrerá, como têm morrido milhares, se alguém não lhe der comida.*

(**Alcione Araújo**, Caderno FOME, *Jornal do Brasil*, 12/09/93)

10. *Eu nunca senti fome na vida, mas acho que deve ser muito triste.*

(**Adriana**, 12 anos, *Veja*, 15/09/93)

Desta forma, podemos dizer que o candidato motivou-se por aquilo que estava saliente do ponto de vista gráfico: ele pegou a palavra *peixe* e abandonou a coletânea. É interessante também notar que, nas instruções referentes à resolução da tarefa, está dito: “Ao elaborar sua redação, você poderá utilizar-se também de outras informações que julgar relevantes para o desenvolvimento do tema” (grifos meus). Assim, ele se sentiu perfeitamente autorizado, a partir da palavra *peixe*, a introduzir o texto que ele queria. Parece até que a redação sobre a corrupção dos políticos já estava “pronta” em sua

cabeça e ele apenas procurou fazer alguns ajustes com o tema em questão, utilizando, por exemplo, a palavra *peixe*.

Sabemos que, no entanto, ainda que o “semema”³ *peixe* contivesse potencialmente a significação que permitisse a construção de qualquer metáfora, inclusive a que o candidato construiu, se entendemos que há uma “semiose infinita”⁴ para cada “semema”, também sabemos que tal semiose é limitada no universo do discurso, em que os vários sememas estão em relação uns com os outros e a significação depende exatamente do co-texto efetivo de ocorrência. No caso da formulação do tema, o sentido do provérbio também é metafórico, mas não tem nenhuma relação com a analogia criada pelo candidato. “Dar o peixe ou ensinar a pescar?” é um questionamento metafórico sobre o processo de resolução do problema da fome. Este, portanto, era o tema sobre o qual o candidato deveria se posicionar. A resposta a essa pergunta, baseada nos textos da coletânea, deveria constituir o texto do candidato. Mas o que é que vemos? Um texto desenvolvido (?) sobre o chavão da desigualdade social, em que o candidato retrata a situação de corrupção dos políticos (*poluição plenária*), que sempre tiram vantagens sobre o povo (*eles ordenam, faz, desfaz e enriquecem*). É nesse sentido que podemos dizer que a analogia criada pelo candidato não é autorizada pelos limites da proposta temática, nem pelos dos textos da coletânea. Ela é *nonsense* por causa do conjunto de fatores que pudemos levantar a partir da comparação entre o que disse o candidato e o que diz a coletânea.

³ Eco (1986) defende a idéia de que cada expressão lingüística possui um significado que, de alguma forma, remete o leitor a um contexto provável de ocorrência. “Em outras palavras, um falante normal tem a possibilidade de inferir, da expressão isolada, o seu possível contexto lingüístico e suas possíveis circunstâncias de enunciação” (Eco, 1986, p.3). Sob essa perspectiva, há uma geração de semioticistas, entre eles Peirce, que propõem uma análise semântica que “analise os termos isolados como sistemas de instruções orientadas para o texto” (idem, p.3). Isso, parece-nos, significa que o autor, ao escolher os termos e expressões que utilizará, provavelmente o faz proporcionando *pistas* de interpretação para seu leitor. Há certamente algumas palavras-chave que direcionam a construção do sentido do texto. O leitor, segundo Eco, ao se deparar com certos termos (sememas), faz uma *seleção contextual*, isto é, ele relaciona esse termo a outros termos pertencentes ao mesmo sistema semiótico e isso já se constitui como uma primeira hipótese interpretativa para o texto que contiver aquele termo. Eco também considera que o leitor realiza uma *seleção circunstancial* diante do semema, isto é, o leitor faz determinadas conexões com circunstâncias reais de enunciação que estavam semiotizadas em sua memória enciclopédica, tendo em vista ocorrências anteriores daquele semema. São os casos, por exemplo, de hipercodificação, a partir de *frames* ou “encenações”. E será o *co-texto* que determinará a realização concreta, atualizada do termo em dado contexto. Assim, as hipóteses do leitor sobre as circunstâncias e/ou sobre o contexto de determinado semema são restringidas pela sua relação com os demais termos de seu co-texto efetivo de ocorrência.

⁴ Segundo Eco (1986), a semiose infinita postula que “todo signo interpreta outro signo e a condição basilar da semiose é exatamente essa condição de regresso infinito” (p.23). A semiose infinita também diz respeito à definição de *significado*: “o significado de um termo encerra virtualmente todos os seus possíveis desenvolvimentos (ou expansões) textuais” (p.18), bem como à de *termo*: “diríamos então que o termo é uma *voz de enciclopédia* que contém todos os traços que adquire no decurso de toda nova proposição” (p.20). O interessante, no entanto, é o fato de a semiose infinita postular um limite para a formulação da enciclopédia no universo do discurso, ou seja, na realização efetiva de um termo, dentro de uma cadeia textual, em que os diferentes interpretantes estão em relação e, portanto, restringem-se mutuamente.

2. A ANALOGIA JUSTIFICADA: A POLUIÇÃO PLENÁRIA E A CPI DO ORÇAMENTO

Por estarmos trabalhando com o Paradigma Indiciário, não podemos ficar apenas na descrição do que aparentemente está expresso na redação. Nela, encontramos as *pistas* que nos possibilitam construir hipóteses sobre as prováveis motivações desse candidato, ou melhor, sobre as causas que levaram o candidato a fazer o que fez. Há certos motivos, especialmente se considerarmos a situação sócio-política do Brasil no ano em que esta prova de vestibular foi feita (vide a data da prova: 28/11/93), que podem justificar a atitude do candidato de “desprezar” a coletânea de textos, bem como de “fugir” ao tema proposto e produzir o texto que produziu. Podemos dizer que o tópico central dessa redação foi a *corrupção dos políticos*, sobre a qual, ironicamente, o candidato alude repetidamente, quase como um refrão: *Enquanto isso peixe grande tenta acabar com a corrupção.*

A questão da fome e da miséria vem “subtopicalizada”, quando o candidato não deixa muito claro o que quer dizer com a expressão *morrendo de....?*, no decorrer de seu texto. Talvez seja uma alusão indireta às mortes provocadas pela fome e pela miséria. O próprio fato de deixar que o sentido da expressão ficasse vago pode ser uma pista de que, na verdade, o candidato não tinha muita convicção para desenvolver o tema proposto. Independentemente de tudo isso, há, no quinto parágrafo de seu texto, algumas referências ao problema da fome e da miséria (vide trechos grifados), o que nos permite dizer que, ainda que tangencialmente, sob a forma “subtopicalizada”, o candidato referiu-se ao tema da redação:

“Peixinho não pode pegar petisco do rio, só pode pagar taxa impostoral. No rio milhares de peixe pequeno estão morrendo dê....? Sua família já não pocría mais, pois não tem o que se dá para os filhos. Muitas vezes os peixe pequeno, espera a beira do rio, que alguém se compadeça dele, ou muitos se suicidam, se jogando do rio Brasíliat.” (grifos meus).

Apesar disso, a impressão que se tem é de que esse candidato “troux” essa redação “pronta” de casa, ou então, diante da necessidade de escrever uma redação, como parte da tarefa proposta pelo vestibular, decidiu fazê-lo, utilizando algumas idéias já prontas sobre a corrupção dos políticos. Isso pode ser significativo no sentido de argumentarmos que esse candidato não entendeu a proposta de redação desse vestibular. Além disso, a sua incapacidade de desenvolver o tema sobre a questão da fome, tendo em vista a leitura prévia dos textos da coletânea, pode ser mais um indício de que, na verdade, esse candidato tenha tentado “burlar as regras do jogo”, com um “blefe” que não deu muito certo. Parece que ele tentou resolver a tarefa da produção de texto no vestibular através de um “macete”, qual seja, o de trazer “pronto” um tema “desenvolvido” e, a partir da proposta, realizar uma tentativa de encaixar tal tema trazido de casa ao pedido na proposta.

Poderíamos argumentar, por outro lado, que a questão da fome e da miséria estaria intimamente relacionada à corrupção dos políticos, o que, de certa forma, justificaria a

leitura feita pelo candidato. Mas não é possível aceitar tal justificativa pelo seguinte fato: não há nenhum fragmento da coletânea que permite tal interpretação do tema. Todos os fragmentos estão discutindo a questão da miséria, suas implicações e conseqüências, bem como os possíveis meios de combatê-la. A questão da corrupção dos políticos até poderia fazer parte de uma redação, articulada, por exemplo, às causas que perpetuam a miséria, mas não como tópico central, como o fez o candidato.

Todas essas considerações nos ajudam a perceber o *fato surpreendente* nessa redação: ela pode ser considerada como um *dado singular* na medida em que a percepção das suas características nos permite formular, nesse momento, uma hipótese explicativa que pode justificar (não no sentido de autorizar o que o candidato fez, mas no sentido de entender o porquê de sua escrita) a leitura *nonsense* encontrada aqui. Na verdade, o que pode ter influenciado o candidato é o fato de que em 1993, especialmente em outubro e novembro — e portanto nas datas bem próximas ao exame vestibular —, no Brasil, só se falava em corrupção de políticos. Lembremos, por exemplo, o caso dos anões do orçamento: João Alves (PPR-BA), juntamente com outros 28 políticos, estava envolvido em um esquema de corrupção na elaboração do Orçamento da União, a partir do desvio de verbas supostamente destinadas a entidades assistenciais ou culturais. O que os parlamentares faziam era desviar parte dessa verba a determinadas instituições, em troca de uma porcentagem. Muitas dessas entidades nem existiam de fato. Eram apenas empresas de fachada criadas pelos congressistas para arrecadar recursos da União. Outro esquema no escândalo do orçamento contava com a participação de empreiteiras. Elas subornavam parlamentares para que esses destinassem verbas para suas obras. As comissões variavam entre 5% e 20% do valor envolvido. Para investigar o esquema da corrupção, foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no dia 20 de outubro de 1993, com o senador Jarbas Passarinho (PPR-PA) como presidente e o deputado Roberto Magalhães (PFL-PE) como relator; data bem próxima, portanto, da do exame vestibular, que ocorreria cerca de um mês depois.

É interessante esclarecer que alguns detalhes dessas informações foram recuperados a partir da leitura de jornais e revistas de outubro e novembro de 1993. O assunto-manchete, sem dúvida, na *Folha de São Paulo*, no *Estado de São Paulo*, na *Veja*, para citar alguns, era a instalação de uma CPI para investigar a corrupção de um número considerável de parlamentares, envolvidos no escândalo do orçamento. Ora, qual é o título da redação? *Poluição Plenária*. Seria uma simples coincidência? Tudo indica que não. Podemos inferir que esse candidato, no seu dia-a-dia, estava envolvido com esse noticiário. Sabemos também que, nas aulas de cursinho, os professores geralmente abordam temas da atualidade, mesmo porque são tais temas os mais recorrentes em quaisquer vestibulares. Portanto, para os alunos, é importante, segundo uma certa concepção transmitida nos colégios do que seja escrever um bom texto para o exame vestibular, isto é, segundo a concepção de que o aluno deve conhecer os fatos da atualidade e ter uma postura crítica frente a eles — o que seguramente é muito interessante, quando trabalhado seriamente pelos professores e bem aproveitado pelos alunos — é importante, para os alunos, saber abordar criticamente assuntos que dizem respeito à atualidade. Por outro lado, podemos supor que haja também, nas aulas de cursinhos pré-vestibulares, algumas estratégias aplicadas pelos professores que deveriam

servir para seus alunos como *macetes* que os ajudassem a resolver a tarefa de passar no vestibular. Um *macete*, por exemplo, seria o de desenvolver temas da atualidade, em muitos casos até como tentativa de acertar o tema do vestibular, e para os alunos, isso pode significar o que significou para esse candidato: “tenho uma redação pronta, crítica e atual, que pode me garantir a entrada na Universidade. Basta que eu a utilize!”. Por que pensamos nisso? Porque a redação em questão parece ter sido escrita em algum momento anterior ao da prova do vestibular e seu autor parece ter tentado reproduzi-la sem, contudo, ter obtido êxito.

Temos aqui um exemplo de um sujeito que se constitui sócio-historicamente e que vários fatores (sociais, políticos, ideológicos, culturais...) condicionam sua produção de texto, os quais podem ser apreendidos pela investigação do que pode significar aquilo que vem expressamente escrito em sua redação. Para esse candidato, estava claro que ele precisasse mostrar que conhecia fatos da realidade atual do país, e, mais do que isso, que possuía uma postura crítica diante dela, especialmente porque se tratava de um esquema vergonhoso de corrupção. Então ele não se limitou a escrever sobre a corrupção dos políticos, mas procurou, ainda que de forma muito limitada por causa de suas dificuldades explícitas com a linguagem escrita padrão, criticar todo o esquema da corrupção *plenária*. Utilizei aqui o mesmo termo do candidato para confirmar, através desse uso lingüístico dele, como a questão da corrupção dos políticos e, em especial, daqueles que faziam parte do *Plenário da Câmara*, os deputados, parece ter sido um fato determinante para que ele optasse por escrever sobre isso e não sobre a questão da fome. Assim, motivado pela própria história política do Brasil daqueles dias e pela determinação em escrever sobre algo que estivesse extremamente contextualizado dentro da situação política brasileira daquele ano, o candidato sentiu-se autorizado a descartar o conteúdo da coletânea e a criar a analogia da *poluição plenária*, em que os políticos aparecem como *peixes grandes* que *ordenam, faz, desfaz e enriquecem*, e demagogicamente *tentam acabar com a corrupção*, cuja referência, para o candidato, ao escrever esse enunciado, pode muito bem ter sido a instalação da própria CPI do orçamento, entre outras CPIs que tinham começado a surgir por conta da corrupção dos parlamentares e dos políticos, de um modo geral. Vale lembrar, por exemplo, que houve uma CPI que levou ao *impeachment* o ex-presidente da República Fernando Collor de Mello, um ano antes, em 1992. Portanto, a corrupção de políticos era (e infelizmente ainda o é) um fato atual e certamente discutido em sala de aula...

Desta forma, podemos justificar a analogia criada pelo candidato. Sua “não leitura” da coletânea justifica-se pelo fato de que ele “preferisse” abordar um outro tema, que provavelmente ele tivesse discutido nas aulas de redação e sobre o qual todos os noticiários, sejam escritos ou televisivos, vinham trazendo informações.

3. A FALTA DE HABILIDADE COM A ESCRITA E A REDAÇÃO “PRONTA”

Uma característica interessante nessa redação, que poderá servir como confirmação para a hipótese de que esse candidato tenha trazido sua redação “pronta” de casa, é a sua falta de habilidade com a linguagem escrita. O domínio de linguagem desse candidato é

precário; ele escreve, por exemplo, *previlégio, endefeso, enriquecem, pocria, os peixe pequeno, os peixe grande*, para citar alguns problemas de ortografia e de concordância. Há ainda outros problemas referentes à pontuação, à coesão textual que também indicam seu domínio deficitário da linguagem escrita. Provavelmente, o fato de ele não dominar a linguagem escrita, apropriada para a situação de produção de texto em um exame vestibular, tenha feito com que ele procurasse escrever sobre um assunto que ele julgasse ter um domínio maior, por causa, por exemplo, da própria familiaridade com esse outro tema. A impressão que se tem é a de que esse candidato, ao longo de sua vida escolar, foi levado a crer que não tinha condições de realizar uma tarefa do tipo pedido no vestibular Unicamp. A tentativa de “safar-se” com um “macete”, com uma redação pronta, é mais um indício de que ele provavelmente estava convencido de que não seria capaz de escrever, dentro das condições impostas pela prova no vestibular, um texto ali na hora. Isso pode ser confirmado se considerarmos que nem a redação “pronta” desse candidato é boa. O fato de ele não conseguir desenvolver a tarefa proposta pelo vestibular da Unicamp, que exigia dele um domínio de linguagem padrão, não só para escrever uma redação mas também para ler uma coletânea de textos, pode confirmar a hipótese de que, até como tentativa de estratégia para ingressar na universidade, esse candidato tenha trazido de casa uma redação praticamente pronta, só precisando fazer algumas adaptações, no caso, a utilização da palavra *peixe*, presente na consigna do tema do vestibular, para não dizerem que ele estava “fugindo” totalmente do tema.

Talvez pudéssemos concluir que, porque ele não tinha um desempenho lingüístico adequado para a situação de produção de um texto dissertativo no contexto do vestibular, o que também pode indicar sua falta de habilidade de leitura da coletânea como parte da tarefa proposta nesse contexto, ele tenha tentado, muito provavelmente como um “macete”, reproduzir um texto já pronto.

Se, além disso, aceitarmos que o que motivou esse candidato a escrever sobre a corrupção dos políticos e praticamente a ignorar a coletânea tenha sido a situação sócio-política por que passava o Brasil em 1993, com toda a movimentação na Câmara dos Deputados, haja vista a instalação de uma CPI para investigar justamente a corrupção de certos parlamentares, não parece mais ser surpreendente, nem tampouco *nonsense* a produção desse texto. Nossa hipótese explicativa, de alguma forma, “normaliza” aquilo que, em um primeiro momento, foi considerado *surpreendente*.

Isso não quer dizer que tal redação, depois dessas justificativas, possa ser considerada um bom texto. São muito claros os problemas dessa redação e, especialmente tendo em vista a proposta do vestibular em que se exige a leitura da coletânea, podemos concluir que essa redação não constitui o exemplo de texto minimamente esperado para que um candidato seja admitido na universidade. Não podemos esquecer que a prova de redação faz parte de um exame de seleção.

O que esta análise quer, no entanto, demonstrar são as justificativas que podem levar os alunos a escreverem o que escrevem. Desvendar a “caminhada interpretativa” (Geraldí, 1993) realizada por eles pode ser revelador, entre outras coisas, do momento em que algo de “errado” aconteceu no processo de produção de escrita de um texto. É interessante dizer que esse tipo de olhar frente aos textos pode nortear um tipo de prática pedagógica que vise a encontrar soluções eficazes para os diversos problemas de

redação. Se ao invés de apenas avaliar os textos, os professores procurassem recuperar as motivações dos alunos para escreverem o que escrevem, talvez caminhos alternativos de ensino de produção de texto pudessem surgir.

4. ENSINAR O PEIXE OU ENSINAR A PESCAR?

Um aspecto interessante, que também pode ser considerado como mais uma confirmação para a hipótese da “não leitura” da coletânea, ocorre no seguinte trecho:

Enquanto o peixe grande, não ensinar o peixe pequeno a nadar, ou seja, ensinar a ter uma vida digna com rio bem limpo e cheiroso ao seu redor; não adiantará acabar com a poluição; enquanto não acabar com os causadores. (grifos meus).

em que a referência ao provérbio utilizado no tema faz-se pela utilização do verbo *ensinar*, o mesmo nos dois casos. Podemos supor que *ensinar a pescar* está sendo parafraseado nos trechos grifados acima. Nesse sentido, poderíamos dizer que o candidato, nesse momento, dentro da analogia que criou, tentou articular o conteúdo do provérbio utilizado na consigna do tema ao seu texto, o que parece confirmar, mais uma vez, que ele somente considerou, e ainda assim muito superficialmente, a leitura do provérbio, nada mais...

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além dessa redação, outras três foram analisadas na dissertação, o que nos permitiu construir hipóteses sobre, pelo menos, outros três tipos de procedimentos de leitura. Cada uma das quatro redações analisadas é representativa de um número considerável de candidatos e de seus procedimentos de leitura e é por isso, dentre outros fatores, que puderam ser consideradas como *dados singulares*.

Os propósitos do Paradigma Indiciário, como procuramos demonstrar através das análises, têm a ver com a *explicação* dos fenômenos lingüísticos presentes nos *dados singulares*. Sua pertinência, portanto, para análises qualitativas que tenham a preocupação de explicar os dados, é fundamental.

No caso específico desta dissertação, a análise de procedimentos de leitura recebeu um enfoque discursivo, que proporcionou a articulação entre o modelo de análise requerido pelo Paradigma Indiciário e a possibilidade de encontrar a explicação para os diferentes tipos de leitura encontrados. Cada uma das redações foi analisada no sentido de compreendermos qual a orientação que norteava os procedimentos de leitura de seus autores e isso significa que a análise foi além da descrição e encontrou hipóteses explicativas na ideologia dos sujeitos, na sala de aula que os constituíram, nas imagens sobre o que seria escrever um bom texto bem como nas estratégias formuladas para isso, nas escolas, por alunos e professores, entre outros fatores.

É importante dizer, finalmente, que o Paradigma Indiciário constitui um modelo de análise que, por se deter em detalhes, exige que estes sejam significativos com relação àquilo que se busca compreender. Não são, portanto, quaisquer detalhes que nos interessam, porque desta forma estaríamos realizando análises meramente descritivas. O olhar para os dados, segundo a perspectiva do Paradigma Indiciário, requer a busca de uma realidade indiretamente revelada nos dados e isso significa abordar certas questões que certamente condicionam o aparecimento de alguns fenômenos lingüísticos e que, muitas vezes, têm sua razão de ser em fatores extralingüísticos.

O estatuto do Paradigma Indiciário, nesse sentido, proporciona mais rigor metodológico para a realização de análises qualitativas, na medida em que supera um tipo de análise apenas descritivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques et al. **Cenas de Aquisição de Escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado das Letras, 1997.
- ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. Trad. Attilio Cancian. São Paulo, SP: Perspectiva, 1986. (Original em italiano: Lector in fabula - La cooperazione interpretativa nei testi narrativi).
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. 2ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179. (Original em italiano: Miti emblematici: morfologia e storia).
- HANSON, Nowood Russell. **Patterns of discovery: No inquiry into the conceptual foundations of science**. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.